

Maputo: problemas económicos no centro do Congresso da Frelimo

Expresso
23/4/83

O IV CONGRESSO da Frelimo, que na próxima terça-feira reúne no Maputo, terá como principais temas de debate a economia e a defesa. Será ainda tarefa dos delegados eleger um novo comité central e novos membros do «bureau» político, cujo número se espera ver ampliado. Dado que Moçambique é um Estado de partido único, caberá ainda ao Congresso a eleição do Presidente, cargo que se considera continuará no entanto a ser desempenhado por Samora Machel.

Este Congresso realiza-se num momento de crise grave para Moçambique, a braços com os actos de guerrilha e sabotagem levados a cabo pela chamada Resistência Moçambicana e com a corrupção ou desleixo de alguns quadros do próprio aparelho de Estado ou das comissões de gestão de empresas estatais e privadas. O problema atingiu dimensões tais que, recentemente, foi introduzida a pena de morte para os casos mais graves de sabotagem econó-

mica e de actividades ligadas ao mercado negro.

Apesar de algumas medidas já tomadas, continua a haver grandes bichas para a compra de produtos alimentares, em especial fora da capital. O mercado negro — onde um carro em terceira mão pode custar mais de mil contos ou com um dólar (por ser dólar) se pode comprar um saco de batatas — continua activo, bem como o tráfico ilegal para países vizinhos.

Os observadores consideram que o Congresso da Frelimo não vai récorrer ao chavão da herança do colonialismo para justificar este tipo de situações, tal como não o deverá fazer para a utilização abusiva de bens do Estado, de que são exemplos a utilização de um comboio para transportar açúcar roubado ou o caso do diplomata que fugiu com milhares de contos.

Espera-se igualmente uma atitude crítica relativamente à concentração maciça de quadros em projectos que não podem, a curto

prazo, resolver os principais problemas económicos do país, e à falta de apoio estatal ao sector da agricultura praticada em regime familiar.

Ambição e consciência

Já na última Assembleia Popular o Presidente Samora Machel disse explicitamente: «**O nosso problema é querermos fazer funcionar um complexo que envolve 500 trabalhadores, quando ainda não somos capazes de cuidar da charrua. Queremos cuidar de frota de camiões, quando ainda não somos capazes de cuidar da nossa bicicleta.**» No que pareceu já então ser indicativo de uma tentativa de reajustamento de prioridades, Samora Machel frisou ainda haver «**muita contradição entre o crescimento da nossa consciência e as exigências**» que vão surgindo.

Nos últimos tempos, apenas as chamadas «machambas estatais» têm registado algum aumento de produtividade, facto a que não é

por certo alheia a concentração dos esforços de apoio estatal neste sector agrícola, em detrimento das pequenas explorações familiares. Os camponeses não recebem sementes nem apoio técnico, além de serem afectados pelo péssimo funcionamento da rede de comercialização. Apesar da substituição, em 1977, do ministro da Agricultura, o problema arrastase.

Para além dos factores humanos, a própria natureza parece ter conspirado contra a economia moçambicana, que, a partir de 1981, tem registado alguns retrocessos. Desde a independência até 1977, o país foi atingido por 3 enormes cheias. Neste momento, a Sul do Zambeze, onde se concentram os maiores projectos agrícolas do país, vive-se a maior seca de que há memória em Moçambique.

Duas faces da mesma moeda

Samora Machel considera «a

defesa e a economia como duas faces da mesma moeda». Ao assumir em Julho do ano passado, o comando das operações contra a RM, o Presidente moçambicano viria a ser informado pelos comandantes militares espalhados pelo país de toda uma série de anomalias, cuja existência afirmou desconhecer. Tais anomalias passam pela corrupção ao nível do aparelho estatal e a sua supressão tem sido considerada a principal arma para resolver os problemas da falta de comida, roupa e outros bens de consumo fundamentais. Tal como o descontentamento popular perante tais problemas é uma arma a favor da acção da RM.

Dado que tal acção dos bandos, que o Maputo considera armados por Pretória, vem agudizar ainda mais os problemas de Moçambique, os observadores esperam que o Congresso reafirme o apoio à luta dos opositores do apartheid.

Por outro lado, embora seja seguro que as relações com os países

socialistas venham a ser definidas como preferenciais, pensa-se que a Frelimo irá prestar mais atenção às relações com o Ocidente. Basicamente, porque é o Ocidente que melhor pode conter a política agressiva de Pretória; mas também, porque ele pode ter um papel de relevo para a economia moçambicana.

Neste momento, Maputo e Washington descrevem como as melhores de sempre as relações entre os dois países. Fontes da embaixada norte-americana na capital de Moçambique indicam que tal se deve em parte ao papel de Samora Machel quanto às iniciativas diplomáticas dos EUA.

Com excepção da Suécia, que acaba de retirar o seu apoio técnico à segunda fase de um projecto da indústria florestal, as relações com Portugal, Itália, França, Inglaterra e, mais recentemente, RFA têm-se intensificado. Aliás, logo após o Congresso Samora Machel visitará a Grã-Bretanha, a Bélgica e a Holanda.